



Monoparentalidade Feminina: Um Estudo *online* sobre Autoestima e Estilos Parentais de Mães Solo Brasileiras

Andressa da Silva Rodrigues¹; Darlene Pinho Fernandes de Moura²;
Camilla Araújo Lopes Vieira³; Mariana Soares Lourenço⁴

Resumo: Este é um estudo quantitativo, com delineamento descritivo e correlacional, cujo objetivo foi investigar a relação entre autoestima e os estilos parentais, tomando como público-alvo as mães solo brasileiras. A amostra constituiu-se por 41 mulheres-mães em contexto de monoparentalidade, a maioria proveniente do Ceará. A pesquisa foi divulgada em redes sociais e as participantes responderam *online* à Escala de Autoestima de Rosenberg, o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais e o Questionário Sociodemográfico. Os resultados evidenciaram a sobrecarga materna, a insuficiência da rede de apoio e a ausência do homem-pai da dinâmica parental. Quanto aos estilos parentais, a amostra fez maior uso do estilo democrático, porém, a dimensão *coerção física* do estilo autoritário obteve um escore acima do esperado. Por fim, o teste de correlação entre o nível de autoestima e os estilos e dimensões parentais indicou uma correlação positiva e significativa apenas com a dimensão *regulação* do estilo democrático.

Palavras-chave: Monoparentalidade Feminina; Autoestima; Estilos Parentais; Psicologia.

Female Single Parenting: An online Study about Self-Esteem and Parenting Styles of Brazilian Single Mothers

Abstract: This is a quantitative study, with a descriptive and correlational design, whose objective was to investigate the relationship between self-esteem and parenting styles, taking Brazilian solo mothers as the target audience. The sample consisted of 41 women-mothers in a single-parent context, the majority from Ceará. The research was published on social networks and participants responded online to the Rosenberg Self-Esteem Scale, the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire and the Sociodemographic Questionnaire. The results highlighted maternal overload, insufficient support network and the absence of the male father from the parental dynamics. Regarding parenting styles, the sample made greater use of the democratic style, however, the physical coercion dimension of the authoritarian style obtained a score higher than expected. Finally, the correlation test between the level of self-esteem and parental styles and dimensions indicated a positive and significant correlation only with the regulation dimension of the democratic style.

Keywords: Female Single Parenthood; Self Esteem; Parenting Styles; Psychology.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral. andressa20srodrigues@gmail.com.

² Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral; Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. darlene.fernandes@ufc.br.

³ Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral; Doutora em Saúde Coletiva. Associação Ampla UFC/UECE/UNIFOR. camillapsicol@ufc.br.

⁴ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - Campus Fortaleza. marianalourencco@gmail.com.

Introdução

A família, por ser uma construção social de tamanha relevância para a civilização, passou por transformações e ressignificados ao longo de cada período histórico e de cada cultura. Desse modo, é válido pontuar a variabilidade de arranjos familiares que existe atualmente, onde há famílias compostas por casais homoafetivos, famílias reconstituídas, casais com e sem filhos, e também configurações familiares com apenas um dos pais sendo responsável pelos seus descendentes, além de muitos outros formatos e modelos que seriam improváveis nomeá-los de todo. A este último tipo de família dá-se o nome de monoparental, masculina ou feminina, a depender de quem ocupa a posição de responsabilidade e provimento da família. Diante disso, é importante dizer que a família monoparental sempre existiu, mas sua estrutura foi se modificando ao longo do tempo, sendo anteriormente estruturada de forma involuntária, por motivos como o falecimento de um dos genitores, enquanto nos dias de hoje observa-se que a monoparentalidade também está relacionada a um modelo de vontade, como em casos de divórcio ou adoção unilateral (Soares; Pereira, 2022), implicando, portanto, nomeação e reconhecimento social.

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, no 3º trimestre de 2022 foram contabilizadas aproximadamente 11 milhões de famílias chefiadas por mulheres com filhos em condição de monoparentalidade (Dieese, 2023). Além disso, cerca de 61,7% dessas famílias eram chefiadas por negras, enquanto 38,3% eram chefiadas por não negras. Cabe destacar que a maternidade solo apresenta como consequência a sobrecarga feminina aliada a estereótipos, e expectativas que reduzem as mulheres às tarefas de cuidado com a casa e com os filhos, sem que estas atividades sejam vistas como trabalho em nível sociocultural e sim como funções inerentes ao personagem de “dona do lar” interpretado historicamente pela mulher. Enquanto isso, os pais ficam isentos, em maior ou menor grau, das mesmas atividades, sendo culturalmente naturalizada a sua ausência para que possam desbravar o mundo enquanto as mulheres têm que lidar com a sobrecarga de uma dupla ou tripla jornada de trabalho, sob a justificativa de possuírem uma natureza feminina voltada para o cuidado e para a educação das crianças (Leão *et al.*, 2017).

E assim, a monoparentalidade feminina, quando localizada em um contexto de acúmulo de tarefas e à múltipla jornada de trabalho, aliada a dificuldades socioeconômicas,

expõe uma faceta da condição feminina de baixa autoestima, medos e preocupações (Pinto *et al.*, 2011). Em se tratando da autoestima, esta representa um fator avaliativo do autoconceito, sendo um conjunto de pensamentos e sentimentos que o indivíduo tem por si mesmo (Hutz; Zanon; Vazquez, 2014). Schultheisz e Aprile (2013) afirmam que a autoestima também é um importante indicador de saúde mental, por estar relacionada às condições afetivas, sociais e psicológicas dos indivíduos. Nesta perspectiva, a autoestima, por ser também uma forma de autoavaliação, é constituída através dos pensamentos e sentimentos vivenciados e internalizados pelo sujeito na formação de sua identidade. A depender da classe social e de fatores como a educação, as mulheres são mais suscetíveis a terem um desgaste físico e emocional maior que os homens, uma vez que estas, em geral, são as responsáveis pelo orçamento familiar e carregam a obrigatoriedade de realizar tarefas domésticas, deparando-se muitas vezes com o sentimento de solidão (Schultheisz; Aprile, 2013).

Nesse contexto, uma variável que merece destaque são os estilos parentais. Diana Baumrind formulou em sua teoria três tipos de estilos parentais, sendo eles o autoritativo ou democrático, autoritário e indulgente ou permissivo. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983 *apud* Lawrenz *et al.*, 2020) incluíram ainda mais um estilo, chamado por negligente. A teoria de Baumrind subsidiou os estudos dos referidos autores, permitindo-os diferenciar os estilos parentais em suas dimensões básicas: responsividade/afeto e exigência/controle. A exigência está relacionada à cobrança posta por ambos os pais, enquanto a responsividade diz respeito à sensibilização, o cuidado e a aceitação dos pais para com os seus filhos (Pasquali *et al.*, 2012).

Dito isso, sendo a autoestima um importante indicador de saúde e bem-estar, além de fator que está fortemente ligado às habilidades de socialização, com influência no modo de se relacionar das pessoas (Schultheisz; Aprile, 2013), é interessante pensar em que proporção os estilos parentais podem ser afetados pelos níveis de autoestima de mães e pais dentro do que compete à relação pais-filhos. Compreende-se ainda que nos casos de monoparentalidade feminina, onde encontram-se relatos de pouco ou nenhum apoio frente às expectativas postas sob a maternidade, de estresse e de sobrecarga aliada à rotina das mulheres responsáveis pela chefia familiar, há necessidade de se estudar em que medida a autoestima das mulheres é afetada pela sua condição de mãe-solo e como se caracteriza o relacionamento delas com seus filhos e filhas a partir da teoria de estilos parentais de Baumrind citada acima.

Frente a isso, o objetivo deste estudo foi analisar a relação entre autoestima e os estilos parentais adotados pelas famílias monoparentais femininas (mães solo). Especificamente, buscou-se verificar o perfil socioeconômico e a rede de apoio das famílias brasileiras chefiadas por mulheres; identificar os principais tipos de estilos e dimensões e os níveis de autoestima, bem como verificar a relação entre autoestima e os estilos e dimensões parentais destas mães.

Método

Trata-se de um estudo inicial, de natureza exploratória, de cunho quantitativo com delineamento do tipo descritivo e correlacional, realizada em ambiente virtual, através das redes sociais: *Instagram* e *Facebook*. As pesquisas descritivas têm por objetivo descrever, caracterizar e/ou estabelecer relações entre as variáveis para o estudo de um grupo ou fenômeno (GIL, 2002). Quanto à sua natureza, essa pesquisa não trabalha com o controle de variáveis, tendo em vista que o estudo se realiza após a ocorrência dos eventos, não agindo sobre os mesmos (idem). Neste caso, as variáveis tratadas foram: autoestima e estilos parentais de mães em contexto de monoparentalidade.

Participantes

A amostra caracteriza-se como não probabilística e por conveniência, contando com 41 mães solo de crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos. Verificou-se que a média de idade das mães foi de aproximadamente 37 anos (DP=8,59), com uma idade mínima de 24 anos e a máxima de 55 anos. A amostra ainda é composta por 48,8% de mulheres autodeclaradas pardas, 24,4% brancas e 22% negras. Com relação a região de moradia, 56,1% das participantes são residentes do estado do Ceará, seguido pelo estado de São Paulo com 17,1%, Sergipe, Minas Gerais e Paraíba com 4,9% cada e Alagoas, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro com 2,4% cada. Além disso, 58,5% da amostra é composta por mulheres solteiras; 26,8% por divorciadas; 9,8% afirmam estar em situação de união estável; 2,4% estão casadas e 2,4% são viúvas. Em sequência, observou-se que a religião de maior representatividade foi a católica (43,9%), seguida da Umbanda (14,6%) e do protestantismo (12,2%), enquanto 22% das participantes afirmaram não fazer parte de nenhuma crença/religião. No que diz respeito aos filhos e filhas das participantes, a média de

idade foi de 10 anos (DP=3,89), com uma amplitude que varia de 6 a 18 anos de idade. Em relação ao sexo, houve predominância de meninos (51,2%). No tocante à escolaridade, aproximadamente 75% estão no Ensino Fundamental, 22% no Ensino Médio e 2,4% no Ensino Superior.

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Escala de Autoestima de Rosenberg (HUTZ; ZANON, 2014) e o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (OLIVEIRA *et al.*, 2017). A Escala de Autoestima de Rosenberg conta com 10 sentenças afirmativas relacionadas às opiniões e sentimentos de autoestima e autoaceitação que uma pessoa pode ter sobre si mesma. As opções de resposta obedecem ao modelo de escala *Likert*: *concordo plenamente* (4), *concordo* (3), *discordo* (2) e *discordo plenamente* (1), onde as sentenças 3, 5, 8, 9 e 10 são invertidas. Por fim, o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – QEDP tem como base a teoria de estilos parentais de Diana Baumrind e foi adaptado para o Brasil por Oliveira *et al* (2017). Este instrumento se trata de um questionário com 32 perguntas divididas em cada estilo parental. As opções de resposta para as perguntas e sua respectiva pontuação são dadas da seguinte forma: *Nunca* (1), *Poucas vezes* (2), *Algumas vezes* (3), *Muitas vezes* (4), *Sempre* (5). No mais, a partir dos estudos de validação feitos por Oliveira *et al* (2017) o QEDP apresentou boa consistência interna com um coeficiente Alfa de Cronbach igual a 0,745, também obtendo bons escores de confiabilidade e validade de conteúdo tendo um S-CVI de 0,97.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada mediante formulário online, feito através do “Google Forms” e contendo os instrumentos descritos anteriormente, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como forma de alcançar o público-alvo, realizou-se a divulgação da pesquisa em redes sociais de maior alcance: *Instagram* e *Facebook*. Dessa forma, ao terem contato com a publicação de divulgação da pesquisa, pessoas de diferentes regiões do país passaram a compartilhar o link do formulário em suas próprias redes sociais, formando uma rede de divulgação virtual. E assim, após o período de

coleta, que foi de setembro de 2023 a janeiro de 2024, os dados foram tabulados e organizados para a realização das análises descritivas e de correlação. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, sob parecer nº 6.256.470 e CAAE nº 71121823.0.0000.5053.

Análise de Dados

A normalidade dos dados foi verificada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk para cada uma das variáveis-alvo do estudo (autoestima, estilos parentais e suas dimensões), os resultados não atestaram distribuição normal dos dados ($p < 0,001$). Portanto, além das estatísticas descritivas (análises de dispersão e tendência central), foram realizadas análises de Correlações r de *Spearman*, a fim de verificar a relação entre autoestima e estilos parentais. O software estatístico utilizado foi o SPSS, versão 21. No mais, como ferramenta de análise complementar, foi-se utilizado o site “www.wordclouds.com” para formação de nuvens de palavras.

Resultados

No que diz respeito aos dados coletados mediante o questionário socioeconômico têm-se que 58,5% das mães possuem Ensino Superior; 61% possuem trabalho formal; quanto à renda, 36,6% recebem um valor igual ou superior a três salários mínimos; 24,4% têm uma renda entre 1 e 2 salários mínimos e 17,1% estão entre 2 e 3 salários mínimos. Além disso, 82,9% não recebem auxílio governamental; 70,7% são as únicas responsáveis pela renda familiar; 48,8% não recebem pensão alimentícia e 26,8% recebem pensão entre 200 e 600 reais.

Somado a isso, observou-se que pelo menos 41,5% das mães “nunca” recebem ajuda de amigos, familiares e/ou vizinhos nas tarefas de casa, 22% “raramente” recebem ajuda e 24,4% “ocasionalmente” recebem ajuda. Ademais, 36,6% das mães “raramente” e 24,4% “nunca” deixam seus filhos com familiares, vizinhos ou amigos quando precisam. Nesse contexto, entre os motivos citados pelas mães para deixarem seus filhos momentaneamente sob a responsabilidade de outrem, cabe citar: “*Ir para o trabalho e para a faculdade*”; “*Porque eu trabalho o dia todo e ele não poderia ficar só*”; “*Quando preciso resolver algum problema fora de casa em um dia que ele não esteja na escola ou quando estou doente e preciso ir ao*

hospital”; “Ir ao mercado, feira e farmácia”; “Para fazer algo por mim”; “Trabalho, Academia, Viagem”; “Trabalho, para desopilar, para estudo”; entre outros.

Outrossim, ao responderem à questão sobre a frequência de contato dos filhos com os genitores/pais, 22% das mães responderam “frequentemente”; 24,4% das mães responderam “ocasionalmente”; 24,4% “raramente” e 22% responderam “nunca”. Além disso, em relação à avaliação da relação com o genitor dos filhos, a maioria avalia a relação como ruim (51,2%). Adicionalmente, tendo como base o relato das participantes sobre a descrição de sua rotina, foi elaborada uma nuvem de palavras (Figura 1) como instrumento de síntese e apresentação da vivência da maternidade solo para a amostra coletada.

Figura 1 - Descrição da Rotina das Mães Solo a Partir do Instrumento de Nuvem de Palavras.



Dando seguimento, os dados de caracterização dos estilos e das dimensões parentais podem ser observados na Tabela 1. Tais pontuações foram comparadas e interpretadas com base na tabela apresentada pelo manual do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - QEDP - (disponível em <https://www.labepneuro.net/copia-escala-gadl>). Como se observa, todas as médias das pontuações dos estilos parentais foram consideradas dentro do esperado.

Apenas a dimensão “coerção física” (do estilo parental autoritário) apresentou pontuações mais elevadas quando comparada com a amostra de normatização.

Tabela 1 - Escores dos estilos e dimensões parentais das participantes

Estilos Parentais e Dimensões	Mín	Máx	Média	Desvio Padrão	Interpretação
Democrático	2,80	4,93	4,23	0,54	Dentro do esperado
<i>Apoio e afeto</i>	3	5	4,36	0,56	Dentro do esperado
<i>Regulação</i>	2,4	5	4,42	0,68	Dentro do esperado
<i>Autonomia</i>	2,4	5	3,91	0,63	Dentro do esperado
Autoritário	1	3,67	1,97	0,64	Dentro do esperado
<i>Coerção física</i>	1	3,75	1,62	0,72	Acima do esperado
<i>Hostilidade verbal</i>	1	4,25	2,56	0,88	Dentro do esperado
<i>Punição</i>	1	3	1,74	0,64	Dentro do esperado
Permissivo	1,4	4	2,39	0,67	Dentro do esperado
<i>Indulgência</i>	1,4	4	2,39	0,67	Dentro do esperado

Fonte: dados da pesquisa.

Adiante, a média da autoestima das mães foi de $M=30,33$ ($DP=5,22$), tais valores são considerados medianos quando comparados à amostra de normatização (Hutz et al., 2014). Considerando os intervalos das pontuações de autoestima (0 a 29 -*baixo*; 30 a 37- *médio*; 38 a 40- *superior*) baseadas na faixa etária disponibilizada por Hutz (2014), observou-se que 41,5% das mães apresentaram pontuações *baixas*, 46,3% tiveram pontuações *medianas* e 12,2% apresentaram pontuações *superiores* em autoestima. Por fim, com o intuito de verificar a relação entre autoestima com os estilos e dimensões parentais, realizou-se uma análise de correlação de *Spearman*. Os resultados apontaram que as pontuações em autoestima apenas se relacionaram positivamente com a dimensão *regulação* do estilo parental democrático ($r_s = 0,36$; $p = 0,03$). Não houve correlação significativa ($p>0,05$) da autoestima com os demais estilos e dimensões parentais, conforme pode ser visualizado na tabela 2.

Tabela 2 - Correlação de Spearman para a autoestima e os estilos e dimensões parentais

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Autoestima	1,00	0,29	0,23	0,36*	0,20	-0,01	-0,02	-0,04	-0,08	-0,00
2. Democrático		-	0,87* *	0,87**	0,86**	-0,29*	-0,12	-0,29	-0,32	-0,11
3. <i>Apoio e Afeto</i>			-	0,73**	0,62**	-0,19	-0,05	-0,30	-0,15	-0,10
4. <i>Regulação</i>				-	0,58**	-0,11	-0,04	-0,17	-0,14	-0,29
5. <i>Autonomia</i>					-	-0,39*	-0,27	0,27	-0,45**	0,07
6. Autoritário						-	0,86* *	0,87**	0,82*	0,07
7. <i>Coerção Física</i>							-	0,66**	0,65*	- 0,06
8. <i>Hostilidade Verbal</i>								-	0,56**	0,11
9. <i>Punição</i>									-	0,16
10. Permissivo										-

Nota: * p < 0,05/ **p< 0,01/ ***p<0,001

Fonte: dados da pesquisa.

Discussão

Perfil Socioeconômico e Rede de Apoio

Com base nos dados referentes ao perfil socioeconômico, nota-se que a amostra não se encontra em grave vulnerabilidade social devido a questões como escolaridade, valor da renda mensal e tipo de trabalho. Entretanto, o fato de estarem empregadas e possuírem ensino superior não isenta estas mães de passarem por situações que as tornam vulneráveis às vicissitudes que acompanham a maternidade, e de forma particular, a monoparentalidade. De fato, mesmo que

cerca de um terço das participantes receba um valor igual ou superior a três salários mínimos, o segundo maior percentil de renda é composto por mulheres que recebem no máximo dois salários mínimos e que precisam contar unicamente com a própria renda, tendo em vista que a esmagadora maioria das mães não recebem auxílios assistenciais e nem mesmo pensão alimentícia por parte do genitor.

No que concerne à rede de apoio, aqui entendida como o conjunto de pessoas e instituições que constroem e participam dos laços afetivos e de segurança do indivíduo, estando ligada ao suporte oferecido em momentos de crise ou no convívio do dia a dia (Juliano; Yunes, 2014), tem-se que a rede de apoio das mães deste estudo faz-se pouco presente no cotidiano das mesmas. A maioria das razões apresentadas pelas participantes para deixarem seus filhos e/ou filhas sob os cuidados de terceiros giram em torno das responsabilidades para com a família como um todo, indicando o quanto é difícil para essas mulheres desligarem-se de suas funções maternas. Diante disso, destacam-se os papéis de gênero que envolvem tanto a paternidade quanto a maternidade, onde histórica e culturalmente é posto ao homem-pai o sustento material da família e à mulher-mãe, a partir da construção de uma imagem atrelada à fragilidade e à abdicação de seus desejos pessoais, compete a educação e o cuidado do lar e dos filhos (Botton *et al.*, 2015). No entanto, é importante lembrar que no caso das famílias monoparentais femininas o compromisso quanto ao aspecto financeiro e econômico recai sobre a mulher, tendo em vista a ausência ou pouquíssima participação paterna.

Somado a isso, integra-se o fato de que, além das famílias monoparentais, nas composições familiares de casais heteronormativos, as mulheres têm ocupado de forma expressiva a liderança e responsabilidade pelo sustento financeiro do núcleo familiar. E assim, considerando que em 2022, dos 75 milhões de lares contabilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 38,1 milhões possuíam chefia feminina, enquanto somente 36,9 milhões correspondiam aos lares chefiados por homens (Dieese, 2023), torna-se inquietante pensar quais são os mecanismos que ainda sustentam o papel social do homem como fonte de proventos do lar e reserva às mulheres a imagem de cuidadoras e educadoras, quando na verdade a atual conjuntura social releva, cotidianamente, uma inversão desses papéis.

No que toca a sobrecarga materna, evidenciada na nuvem de palavras fornecida na sessão anterior, onde termos como “*cansativa, responsabilidade, cuidar, sobrecarregada, casa, amor e exausta*” ganharam espaço significativo por serem os que mais se repetiram

entre as participantes, revela-se que há uma certa percepção da sobrecarga e exaustão por parte das mães solo do presente estudo. Para mais, um relato de experiência referente a um grupo online sobre educação não-coercitiva em contexto de pandemia do Covid-19, estruturado para ambos os genitores, mas que contou apenas com a participação de mulheres-mães por ausência de inscrições dos homens-pais, sinalizou o sentimento de culpa que rodeia a criação dos filhos, tendo em vista a quantidade de tarefas que as mães precisam desempenhar, sobrecarregando as mesmas e fazendo-as esbarrar no sentimento de impotência. As participantes desse estudo eram em sua maioria casadas, no entanto não houve participação da figura paterna no grupo (SILVA *et al.*, 2023). A baixa frequência de homens-pais em grupos e programas de treinamento e/ou escuta parental também pode ser tida como mais uma forma de abstenção paterna das questões concernentes à criação dos filhos, e conseqüentemente um dos agravantes da sobrecarga materna.

E assim, por cuidarem de seus filhos sozinhas, as mães solo acabam tendo um maior estresse em suas vidas decorrente da sobrecarga de afazeres, além de problemas financeiros e momentos de solidão e abandono, sendo este um fator muitas vezes decorrente da ausência ou insuficiência de uma rede de apoio (Fernandes, 2022). Adiante, com base nas respostas das participantes, a baixa frequência de contato dos homens-pais com seus filhos e filhas indica um afastamento do desempenho da paternidade por parte dos genitores, o que faz com que as mães tenham que abdicar de si mesmas em uma rotina cansativa e extenuante para suprir as demandas da própria família, como pôde ser visto na nuvem de palavras. Entretanto, como aponta Machado *et al.* (2016, p. 4) “embora nessas famílias o pai não resida com os filhos e não conviva conjugalmente com a mulher, isso não deveria ser motivo para sua desresponsabilização em relação aos filhos”. Infelizmente, ao contrário do que ocorre com a mulher-mãe, a ausência do pai na criação e educação dos filhos torna-se justificada e naturalizada, visto que, assim como esclarece Borges (2020, p. 9) “o trabalho de cuidado, notadamente no que diz respeito à criação, educação e socialização dos(as) filhos(as) está intimamente ligado ao que a sociedade entende como ‘capacidade de ser boa mãe’”.

Os Estilos e Dimensões Parentais das Mães

Analisando o resultado do QEDP, as participantes exercem o estilo democrático ou autoritativo com mais predominância, no entanto isso não as isenta de também tomarem atitudes que se encaixem nos outros estilos (autoritário e permissivo), ainda que com menor medida e frequência, como é o caso da dimensão “coerção física”. O estilo democrático ou autoritativo é caracterizado por Baumrind (1966) como um estilo parental marcado pela presença de afeto e controle em níveis adequados, de modo que os pais consigam exercer sua autoridade sem prender o(a) filho(a) em suas restrições. O estilo democrático é permeado pelo diálogo e pela orientação do que a criança pode e deve fazer, no qual os pais explicam seus motivos de forma clara e racional, dando à criança a liberdade para expressar seus sentimentos e opiniões.

Em sua pesquisa de mestrado, Monteiro (2023) busca avaliar a existência e natureza das relações entre ansiedade financeira, estilos parentais, memórias da parentalidade e o comportamento externalizante dos filhos. Sua pesquisa contou com 237 participantes, com 80,6% pertencentes ao sexo feminino. A pesquisadora portuguesa obteve como resultado de seu estudo uma relação negativa entre o estilo parental democrático e o comportamento externalizante nos(as) filhos(as), sinalizando outros aspectos que permeiam esse estilo parental, tais como a possibilidade de um desenvolvimento saudável e ampliação das habilidades sociais, autonomia e autoconfiança por parte da criança ou adolescente. Desse modo, tendo como base a literatura existente, o resultado encontrado quanto ao estilo parental da amostra indica um aspecto positivo para a relação mãe-filho, na medida em que ao fazerem maior uso do estilo democrático, marcado pelo diálogo e orientação, as mães constroem uma atmosfera de confiança, supervisão e liberdade que potencializa o desenvolvimento biopsicossocial dos seus filhos e filhas, como também favorece boas trocas de afeto entre ambos.

Dando prosseguimento, no que tange à coerção física, esta é entendida como uma forma de controle e de imposição da vontade de uma pessoa sobre a outra. Sobre a temática da parentalidade, a coerção física é posta por Baumrind como uma dimensão do estilo parental autoritário, marcado pelo alto nível de controle e baixo nível de afeto, onde os pais costumam moldar os comportamentos da criança de acordo com um padrão de conduta pré-estabelecido e inflexível, com uso de punições para garantir a obediência, havendo ainda a limitação da autonomia da criança (Baumrind, 1966). Para autores como Alvarenga, Magalhães e Gomes (2012), que realizaram um estudo quantitativo com 64 díades mãe-criança para analisar a

relação entre as práticas educativas maternas e problemas de externalização, a punição física esteve positivamente correlacionada à presença de problemas de externalização nas crianças. O uso de punição é ainda posto como uma estratégia de controle que limita o potencial de autorregulação da criança, na medida em que pouco contribui para a compreensão sobre suas ações.

Sendo assim, levando em conta o que foi trazido até o momento no tocante ao uso de coerção na parentalidade e considerando o escore das mães desta pesquisa sobre a dimensão “coerção física” do estilo autoritário, é possível inferir que o uso da coerção se apresenta de forma pontual, tendo em vista a maior prevalência do estilo democrático na amostra estudada. Nesse caso, é necessário informar o caráter prejudicial de ações coercitivas para o relacionamento mãe-filho, que pode tornar-se frágil e marcado pelo medo e retraimento da criança e/ou adolescente, tendo em vista que tais ações estão relacionadas ao surgimento de problemas de socialização e podem se tornar mais problemáticas à medida em que sua frequência e intensidade aumentam.

No mais, o escore considerado acima do esperado para a dimensão “coerção física” pode estar associado a diversos fatores, tendo em vista que a ocorrência das práticas e estilos parentais se constitui a partir de eventos multifacetados, tais como as formas de parentalidade adotados com as mães em sua infância e adolescência, a própria cultura e normas sociais sobre o que se configura correto e portanto aceito a cada situação e também a realidade atual das mães, tendo como exemplos a qualidade de vida, emprego, preocupações, responsabilidades, entre outros elementos que impactam a vida das famílias, em especial as monoparentais femininas. Quanto a isso, autores como Jaeger e Stray (2011 *apud* PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2012) pontuam que neste tipo de composição familiar as inúmeras responsabilidades que passam a ser de um dos pais acaba por gerar sobrecarga, fomentando o uso de disciplinas coercitivas. Desse modo, ao se pensar nos resultados da amostra quanto ao estilo parental, tem-se que embora as mães exerçam o estilo democrático com maior prevalência, as implicações psicossociais da monoparentalidade se configuram como uma hipótese explicativa para a ocorrência do uso de práticas coercitivas, visto que as participantes não obtiveram pontuações altas no estilo autoritário, tendo este um menor domínio sob o ato de maternas dessas mulheres.

Autoestima das Mães e sua Relação com os Estilos e Dimensões Parentais

Em relação à autoestima das mulheres-mães, os resultados obtidos seguem em uma linha diferente àqueles encontrados em um estudo sobre a autoestima pessoal e coletiva de mães e não mães. A amostra era composta por 310 mulheres (64% mães e 36% não mães), com média de idade de 37,7 anos e tanto a autoestima pessoal quanto coletiva das mulheres-mães foram superiores às médias das mulheres não mães. Os resultados foram relacionados às expectativas e normas sociais, em que a maternidade funciona como uma forma de exercer a feminilidade e de encontrar reconhecimento social, ao passo que as mulheres que se distanciam desse ideal são vítimas de preconceitos e estigmatização, o que teria impactos em sua autoestima. Além disso, as participantes do estudo eram casadas e possuíam uma vida profissional ativa (Souza; Ferreira, 2005).

No entanto, diferentemente do que ocorre com as mães casadas, as mulheres em contexto de monoparentalidade não recebem o mesmo tratamento. E assim, considerando um sistema de valores sexistas impostos pela estrutura patriarcal ainda dominante na cultura do país, que exclui fatores dificultantes do exercício da maternidade, como a pobreza e a falta de suporte conjugal e social, de modo que a culpa por não seguir o modelo de maternidade normativa é atribuída à mulher, desprendendo-a dos mecanismos históricos e sociais que a rodeiam (Narvaz; Koller, 2006), evidencia-se uma faceta da sociedade que acolhe determinados tipos de mães ao mesmo tempo que transforma a vivência de outras em uma falha individual. No mais, Verza, Sattler e Strey (2015) pontuam que antes de se constituir como uma opção, a monoparentalidade feminina pode apresentar consequências consideradas negativas quando não ocorre de forma planejada ou esperada por algumas mulheres, em que o sofrimento das mães acaba interferindo na autoestima, gerando sentimentos de fracasso e trazendo implicações para a realização das tarefas parentais e para o relacionamento entre mãe e filhos(as).

E assim, em face do que foi exposto é possível debater sobre hipóteses explicativas relacionadas às pontuações no nível de autoestima das mães. Uma dessas hipóteses diz respeito à imagem que a monoparentalidade feminina carrega dentro da sociedade, de modo que os estigmas que acompanham a maternidade solo, marcados pela terminologia popular de “mãe solteira” em uma cultura de bases patriarcais e conservadoras, afeta a subjetividade dessas mulheres, e por consequência também influencia seu autoconceito e imagem de si. Além disso, a situação socioeconômica e questões como uma rede de apoio insuficiente são mecanismos

relacionados ao estresse e sentimentos de abandono (Fernandes, 2022), sendo estes, fatores que podem interferir na autoestima das mães.

Por fim, relacionado à correlação feita entre a autoestima das mães e os estilos e dimensões parentais, é necessário dizer que a dimensão *regulação* diz respeito à habilidade dos pais de regular o comportamento da criança de forma assertiva, preservando sua autonomia (DE Paula; Oliveira, 2017). Desse modo, em decorrência da natureza da relação encontrada, quanto maior for a autoestima das mães, maior será seu escore na referida dimensão e vice-versa. A assertividade, necessária para a boa regulação do comportamento da criança/adolescente, está associada também ao nível de confiança do indivíduo, e também, à sua autoestima. Para Vaz de Almeida e Reis (2021), a autoestima se relaciona positivamente com a assertividade, visto que as pessoas com um sentido positivo de autoestima tendem a ser mais flexíveis e menos autoritárias, tendo ainda uma influência na autoconfiança e no tratamento que o indivíduo confere a outras pessoas. Ademais, no que tange à maternidade, entende-se que a confiança que as mães têm em si e na sua capacidade de lidar com os impasses da relação mãe-filho, ligada ao nível de autoestima das mesmas, se configura como um bom instrumento interno para o exercício de práticas parentais mais democráticas, e de forma específica, à regulação do comportamento dos(as) filhos(as), conforme o teste de correlação aponta.

Considerações Finais

Este estudo buscou trazer dados exploratórios sobre a experiência de matinar de 41 mulheres brasileiras em contexto de monoparentalidade. Assim, confia-se que esta pesquisa, ao tomar os aspectos socioeconômicos, na intersecção com a estrutura da rede de apoio das participantes e relacionando as variáveis “estilos parentais” e “autoestima”, trouxe contribuições a respeito da forma como a monoparentalidade é vivenciada por estas mulheres-mães. Desse modo, retrata-se uma maternidade marcada pela sobrecarga e o cansaço diante de uma rede de apoio diminuta e da pouquíssima participação paterna na dinâmica parental. Ademais, com relação aos estilos parentais, a pesquisa evidenciou nas participantes um maior uso do estilo parental democrático. No entanto, observou-se também um escore alto para a dimensão *coerção física* do estilo parental autoritário, o que pode trazer consequências para o desenvolvimento psicossocial dos(as) filhos(as) e impactar negativamente as relações familiares, tornando necessárias maiores investigações sobre como o uso de disciplinas

coercitivas se relacionam com o uso do estilo democrático e quais consequências podem advir desse fenômeno.

Em continuidade, no que tange à autoestima, as mães do estudo possuem uma média de autoestima que varia de mediana a baixa, tendo se estabelecido algumas hipóteses a partir da literatura existente na área, tais como a presença de sentimentos de sobrecarga e abandono, preocupações quanto ao sustento da família e a própria estigmatização e culpabilização que rodeiam os arranjos familiares que fogem da chamada família nuclear, sendo estes, agentes que influenciam na autoestima das mães, impactando também fatores relacionados, como o autoconceito e a autoimagem.

Como limitações da pesquisa, têm-se a dificuldade de acesso à teoria de estilos parentais de Diana Baumrind, tendo em vista que os escritos da teórica norte-americana não foram traduzidos para a língua portuguesa e são poucos os artigos encontrados em meio virtual, ainda que na linguagem de origem. Com isso, torna-se relevante avaliar que, mesmo sendo uma teoria difundida no ocidente, a ausência de traduções para outros idiomas limita, por exemplo, a realização de pesquisas que busquem ampliar e trazer discussões sobre como o pensamento de Baumrind se expressa e se mantém em diferentes culturas e povos, ainda mais quando se trata de países em desenvolvimento, com aspectos sociais e econômicos bastante distintos do contexto estadunidense onde a referida teoria de estilos parentais emergiu.

Destarte, se destacam ainda as nuances que envolvem o modelo de formulário e divulgação online, em que mesmo havendo a possibilidade de alcançar públicos de diversas regiões e culturas, transpassando os limites físicos e geográficos, é importante pensar nos limites socioeconômicos e em quais parcelas da sociedade tiveram acesso e condições de responder ao estudo. Sendo assim, para trazer maiores reflexões sobre os fatores sociais que atravessam a monoparentalidade feminina, faz-se necessário uma ampliação da amostra, juntamente com estratégias de coleta de dados diversas, como por exemplo: a divulgação presencial em escolas, serviços de saúde e de assistência social.

Referências

ALVARENGA, P; MAGALHÃES, M. O; GOMES, Q. S. Relações entre práticas educativas maternas e problemas de externalização em pré-escolares. **Estudos de Psicologia**,

Campinas, v.29, n. 1, p. 33–42, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/S3LYfKShQ5X5B5qGqzJsFyB/?lang=pt#>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BAUMRIND, D. Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. **Child Development**, v. 37, n. 4., p. 887-907. 1966.

BORGES, L. Mãe Solteira Não. Mãe Solo! Considerações sobre Maternidade, Conjugalidade e Sobrecarga Feminina. *Revista Direito e Sexualidade*, Salvador, v. 1, n. 1., p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/revdirsex.v1i1.36872> . Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BOTTON A. *et al.* Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v.19, n. 2, p. 43-56. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 jan. 2024.

DIEESE [DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS]. As Dificuldades das Mulheres Chefe de Família no Mercado de Trabalho. **Boletim Especial 8 de Março - Dia da Mulher**. 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.html> Acesso em: 26 fev. 2024.

DE PAULA, J. J; OLIVEIRA, T. D. **Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (Manual)**. Labep Neuro. Belo Horizonte. 2017. Disponível em: <https://www.labepneuro.net/copia-escala-gadl>. Acesso em: 12 fev. 2024.

FERNANDES, P. S. **Família Monoparental Feminina: Desafio de Ser Mãe Solo**. (Dissertação de Mestrado em Educação Sexual). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista. Araraquara. 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_2472def68b79601f0066e3008dee0d08. Acesso em: 12 fev. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUTZ, C. S; ZANON, C; VAZQUEZ, A. C. S. Escala de Autoestima de Rosenberg. In: Hutz, C. S. (org.) **Avaliação em Psicologia Positiva**, Porto Alegre: Artmed. p. 85-94. 2014.

JULIANO, M. C. C; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 135–154. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X201400030000> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/BxDVLkfcGQLGXVwnHp63HMH/?lang=pt#> Acesso em: 10 fev. 2024.

LAWRENZ *et al.* Estilos, Práticas ou Habilidades Parentais: como diferenciá-los?. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. Rio de Janeiro, v. 1, n.16., p. 2-9. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200002> Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872020000100002. Acesso em: 20 jan. 2024.

LEÃO F. E, *et al.* Reflexões teóricas sobre maternidade e adoção no contexto da monoparentalidade feminina. **Pensando Famílias**, Porto Alegre., v. 21, n. 2., p. 45-59. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200005. Acesso em: 20 jan. 2024.

MACHADO, M. S. *et al.* Paternidade na visão de mulheres responsáveis por famílias monoparentais em situação de vulnerabilidade social. **Psicologia Argumento.**, [s. l.] v. 39, n. 103, p. 1–24. 2020. DOI: <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO01> . Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27284> Acesso em: 8 mar. 2024

MONTEIRO, A. C. B. **Ansiedade Financeira, Estilos Parentais e Memórias de Parentalidade: Relação com o Comportamento Externalizante em Filhos Adolescentes.** (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Católica Portuguesa. Curso de Psicologia. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/43248>. Acesso em: 10 mar. 2024.

NARVAZ, M. G; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 49–55. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkBPDpL4Xn/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 25 jan. 2024.

OLIVEIRA, T. D. *et al.* Cross-cultural adaptation, validity, and reliability of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Version (PSDQ) for use in Brazil. **Brazilian Journal of Psychiatry**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 410–419. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2314>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/vqhSD8NWmXnXmMpg59p5CgP/abstract/?lang=en#ModalHowcite> Acesso em: 26 abr. 2024.

PATIAS, N. D; SIQUEIRA, A. C; DIAS, A. C. G. Bater não educa ninguém! práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. **Educação e Pesquisa.**, v. 38, n. 4., p. 981–996. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000400013> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/G3mWcTWfjDksB4J7hbLNndP/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 10 mar. 2024.

PASQUALI, L., *et al.* Questionário de percepção dos pais: evidências de uma medida de estilos parentais. **Paidéia**, Ribeirão Preto., v. 22, n. 52, p. 155-164. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000200002> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/hrLJpsfmmwHZT75M4RbRK9H/?lang=pt> Acesso em: 20 abr. 2024.

PINTO, R. M. F. *et al.* Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. **Serviço Social & Sociedade.**, n. 105. 167-179. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000100010> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/WTL3xcZ4gctQxh3tfCTszMq/?lang=pt#> Acesso em: 25 jan. 2024.

SCHULTHEISZ, T.S.V; APRILE, M. R. Autoestima, Conceitos Correlatos e Avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, v. 5, n.1, p. 36-48. 2013.

SILVA, A. C. P. *et al.* Grupo on-line: Percepção de mães sobre a educação de crianças na pandemia. **Revista da SPAGESP**. [s. l.], v. 24, n. 1, p. 5–16, 2023. Disponível em: <https://nesme.emnuvens.com.br/SPAGESP/article/view/38> . Acesso em: 19 abr. 2024.

SOARES, G. S; PEREIRA, A. C. C. Possibilidades de criação monoparental feminina em contexto de vulnerabilidade social. **Conjecturas**, [s. l.] v. 22, n. 8, p. 512–536. 2022. DOI: <https://doi.org/10.53660/CONJ-1235-U14> Disponível em: <https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1235> . Acesso em: 22 mar. 2024.

SOUZA, D. B. L.; FERREIRA, M. C. Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 19–25. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100004> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/c6CNcsqTtpchrcYcz3PJ4Df/#> Acesso em: 12 abr. 2024.

VAZ DE ALMEIDA, C; REIS, B. Autoestima entre adultos tende a melhorar com o aumento da confiança e da assertividade. **JIM - Jornal de Investigação Médica**. [s. l.], v. 2, n. 1, p. 29–42. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29073/jim.v2i1.296> Disponível em: <https://www.revistas.ponteditora.org/index.php/jim/article/view/296>. Acesso em: 26 abr. 2024.

VERZA, F.; SATTTLER, M. K.; STREY, M. N. Mãe, mulher e chefe de família: perspectivas de gênero na terapia familiar. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 46-60. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2015000100005. Acesso em: 19 abr. 2024.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

RODRIGUES, Andressa da Silva; MOURA, Darlene Pinho Fernandes de; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes; LOURENÇO, Mariana Soares. Monoparentalidade Feminina: Um Estudo online sobre Autoestima e Estilos Parentais de Mães Solo Brasileiras. **Id on Line Rev. Psic.**, Julho/2024, vol.18, n.72, p.128-146, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 12/07/2024; Aceito 26/07/2024; Publicado em: 31/07/2024.